

REVISITANDO AS ORIGENS DO TERMO JUVENTUDE: A DIVERSIDADE QUE CARACTERIZA A IDENTIDADE

GUIMARÃES, Gilselene Garcia – Colégio Estadual Miguel Couto –
gilse_gg@yahoo.com.br

GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin – UERJ – mzipin@yahoo.com.br

GT-20: Psicologia da Educação

São muitas as trilhas percorridas na busca de uma tentativa de definir, conceituar, diferenciar e, sobretudo, limitar, onde iniciam e onde terminam os períodos caracterizados como adolescência e juventude. Trata-se, entretanto, não de uma busca recente, mas decorrida há séculos e com uma crescente angústia de, até então, não se ter obtido resultados que sejam satisfatórios à hegemônica linha de pensamento cartesiano, adotado pela maioria das academias, onde cada coisa deve ocupar o seu devido lugar e não se estender ao campo alheio. Tal constatação se ilustra com uma breve retrospectiva junto aos pensadores e filósofos que desde então expunham suas preocupações no que concerne definir jovem e adolescente.

Desde a Grécia antiga até o século V, as raízes filosóficas tinham suas âncoras em Homero, Sócrates, Platão e Aristóteles. Neste período, a vida era organizada em função do efebo¹, mas, segundo Ortega y Gasset (1987), apresentava-se como modelo a ser seguido a figura do homem maduro que educa e dirige. Na Roma antiga, que tem início em 753 a.C., com a fundação de Roma, até por volta do século V, os estudiosos eram Lucrécio, Cícero, Sêneca e Quintiliano. E, no governo de Augusto, os meninos de 16 anos eram inseridos em uma classe denominada “príncipes da juventude”.

Por volta do século VI e VII, na idade média, as delimitações começavam a assumir características etárias, definidas como: infância (de 0 a 7 anos), puberdade (de 8 a 13 anos), adolescência (de 14 a 21 anos) e juventude (de 22 a 30anos). Uma consideração importante trata do fato de que, apenas aos 40 anos, os homens podiam participar dos cargos políticos, porque esta idade representava o fim da idade dos perigos.

A partir do século XVIII, com J. J. Rousseau, começa a surgir, então, uma visão mais sociológica da juventude, e a principal característica atribuída aos jovens, neste período, é, segundo Ortega y Gasset (1987), identificada em uma figura que somente

¹ Rapaz que atingiu a puberdade, homem jovem, mancebo. (Dicionário Aurélio)

executa as velhas idéias implantadas pelos adultos, afirmando não “(...) a sua juventude, mas princípios recebidos” (p.119).

Somente ao fim do século XIX, surge, nas classes burguesas o termo adolescência, como o resultado de uma sociedade capitalista e industrializada, com a intenção de demarcar o início da segunda infância, definindo a idade para além dos 13 anos. Esta sociedade caracterizou uma juventude que almeja a maturidade precoce, chegando a envergonhar-se de sua condição juvenil.

Já imersos na realidade contemporânea, encontra-se em G. Stanley Hall (1904), com a obra “Adolescence”, o primeiro autor a abordar este tema como uma fase de importância singular no desenvolvimento humano. Para tanto, Hall considerava que a emancipação e o sucesso da vida adulta seria o resultado de uma boa acolhida, com cuidados especiais, dedicada à fase da adolescência. Referindo-se à adolescência afirma que: “nenhuma idade é tão sensível aos melhores e mais sábios esforços dos adultos. Não há um único solo em que as sementes, tanto as boas como as más, atinjam raízes tão profundas, cresçam de forma tão viçosa ou produzam frutos com tanta rapidez e regularidade” (Hall apud Sprinthall e Collins, 2003, p. 15).

Avançando na retrospectiva, pode-se sintetizar as principais características relacionadas à juventude, com a intenção de expor os pontos convergentes que definem e especificam um melhor entendimento do termo utilizado. Desse modo, segundo Dick (2003) tem-se:

| | |
|---------|--|
| ANOS 40 | Jovens marcados pelas experiências chocantes vividas durante a Segunda Guerra Mundial e com as bombas atômicas no Japão. |
| ANOS 50 | “Anos Dourados” - jovens mais autônomos. |
| ANOS 60 | Década onde o tema JUVENTUDE foi mais explorado, expansão do Movimento hippie como uma ameaça à ordem social. |
| ANOS 70 | “Anos de ressaca” - juventude insatisfeita, buscando mudanças para sair de uma sociedade estagnada, apática e viciada. |
| ANOS 80 | Defesa do protagonismo juvenil através da “Pastoral Juvenil” e redução dos avanços da liberdade sexual através da difusão da AIDS; jovens sem ideologia, individualistas, consumistas e conservadores. |
| ANOS 90 | Transição de uma geração que valorizava a organização, a articulação, a lógica e o raciocínio, para uma geração que valoriza o corpo, o prazer, o fragmentado e o individual. Surge a “geração zapping”(em constante mudança). |

Quadro 3 - Principais características dos jovens e sua representação nas décadas. Fonte: (Dick, 2003, p. 237 – 256).

Partindo deste último referencial, segundo Sposito (1997), alguns estudos foram evidenciados, no período de 1981/1995, com a intenção de mostrar a frequência da utilização dos termos jovem e adolescente. Embora, neste longo período de 15 anos, somente 4% do total nacional das produções acadêmicas (5441) abordaram a temática juventude, tendo maior ênfase no ano de 1985, concluiu-se que o termo adolescente foi utilizado por mais vezes (15,2%) no comparativo com a utilização do termo jovem (13,5%).

Neste contexto, começa a surgir, quase espontaneamente, uma forma convencional para a distinção da abordagem dos dois termos. Assim, o termo adolescente privilegia o campo de estudo da Psicologia e o termo juventude, apresenta-se como preferência das Ciências Sociais, abrangendo particularmente a Sociologia, a Antropologia (social e cultural), a História, a Educação e a Comunicação.

Portanto, o termo juventude, que preferencialmente será utilizado neste trabalho, embora, algumas vezes, se venha a fazer uso do termo adolescente, começa por se apresentar através de várias vertentes e ramificações. Para a Sociologia (Adélia Clímaco, 1991; Carmem Leccardi, 1991; Alberto Melucci, 1997), a juventude que transita entre 15 e 24 anos, focaliza a figura do jovem inseguro dentro do contexto contemporâneo de futuro. Os estudos antropológicos (Margaret Mead, 1951; Daniel Becker, 1989; J. M. Pais, 1993; Eric J. Hobsbawn, 1995; C. Calligaris, 2000) defendem a juventude como uma nova visão dos elementos culturais. Considera uma fase enriquecedora e apresenta a criação de uma “Cultura Juvenil”. Para a História (Levi & Schimitt, 1996; Carles Feixa, 1999; Mario Sandoval, 2002), a juventude não pode ser definida porque depende de fatores temporais, espaciais e culturais, dentro do período que a sociedade está sendo estudada.

Já para a Psicologia (Stanley Hall, 1904; Erick Erickson, 1976; A. Leontiev, 1978; A. Aberastury & M. Knobel, 1989), a juventude apresenta-se como uma fase natural, quase obrigatória, do desenvolvimento humano. A adolescência, termo de preferência dos psicólogos, foi naturalizada por esta ciência, sem considerar os fatores sociais que envolvem os indivíduos, argumentando que este seria um período vivenciado por todos, entre a infância e a vida adulta.

A visão atual, que hoje estuda e investiga a juventude (Helena Abramo, 1994, 1997, 2003; Marília Spósito, 1997; Mirian Abramoway, 2004; entre outros), encontra sua principal distinção na fase de adolescência (dos 12 aos 17 anos) – conforme o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) – caracterizada por mudanças que marcam o

processo de desenvolvimento humano, tais como, mudanças no corpo e alterações de voz; e na fase da juventude ou jovens adultos, ou ainda, na pós-adolescência (dos 18 aos 24 anos, podendo se estender até o máximo de 29 ou 35 anos, dependendo das políticas públicas vigente no país em questão), caracterizada pela sua imersão na vida social e principalmente no mundo do trabalho com a independência financeira dos familiares. No entanto, no Brasil, o recorte de faixa etária que convencionalmente é considerado, varia de 15 a 24 anos. Sendo assim, será este o recorte privilegiado, também, nesta reflexão.

Retornando à tentativa de encontrar um ponto que individualize as concepções de juventude e adolescência, inicia-se por buscar auxílio no sentido etimológico da palavra “juvenis”(*aeoum*) que quer dizer “aquele que está em plena força”. Em contrapartida, encontra-se em “adulescens” o significado de ser “aquele que está em crescimento”.

Na clássica sociedade greco-romana, as tradições culturais destacam a figura da deusa grega JUVENTA, que era invocada durante a cerimônia que oficializava a troca da roupa simples dos mancebos pela clássica toga, como indicativo de ingresso na vida adulta. De acordo com a cultura desta sociedade, a deusa Juventa simbolizava uma abstração, um mito criado para justificar mudanças ocorridas ao longo dos séculos. Portanto, nesse sentido, alguns estudiosos arriscam-se a dizer que a juventude é uma invenção da sociedade e limitam-se a distinguir somente as fases da infância, da vida adulta e da velhice.

Ainda dentro de uma análise cultural, dialogamos com Margarete Mead (1951), que na sua pesquisa com os jovens da sociedade de Samoa, nos anos 20, prescreve as idéias de que as normas e tradições culturais direcionam a natureza da juventude.

Desse modo, as sociedades clássicas greco-latinas, acreditavam que existia um “espírito adolescente”, caracterizado por frágil, inseguro, imaturo e irritado, e um “espírito jovem”, este com as características de ser entusiasta, disponível, moço, inexperiente, imprudente, idealista e rebelde.

Buscando o diálogo com alguns autores, faz-se necessário um repasse das principais características que alguns deles direcionam para a adolescência ou para a juventude.

Dentro de uma visão psicológica, a adolescência se caracteriza como um processo natural da vida de um indivíduo, sem considerar as influências dos aspectos sociais em que este se encontra inserido. Em 1976, Erickson institucionalizou a adolescência como um “(...) modo de vida entre a infância e a vida adulta” (p. 128).

Envoltos por esta concepção inegável do acontecimento da adolescência/juventude pré-destinada a todos, surge a aceitação de que características alheias à vontade e à conquista pessoal de cada indivíduo sofram crescimentos e desenvolvimentos na sua relação com o meio social. Desse modo, fatores biológicos e fisiológicos, tais como as mudanças corporais (crescimento rápido, pêlos no corpo, alteração da voz), por conta da chegada dos hormônios na corrente sanguínea, e o florescer dos primeiros sinais do desenvolvimento dos órgãos genitais (o crescimento dos testículos e as primeiras ereções para os meninos e a menarca para as meninas) apresentam-se como índices de um provável amadurecimento. Sendo assim, a juventude é visualizada como um processo de aperfeiçoamento, que busca alcançar a finalização de todos os aspectos já existentes no ser humano (fertilização, concepção, gestação e lactação), que somente estão guardados e aguardando o momento de sua exposição e extrapolação.

Dentro deste contexto, pensar a juventude, como uma simples manifestação de atitudes e comportamentos resultante do desenvolvimento da natureza humana, é aprisioná-la em moldes vazios de valores, emoções e expressões características de sua inserção nos paradigmas sociais e culturais.

Surgem estudos (Becker, 1989; Calligaris, 2000) que privilegiam as questões culturais, enfatizando que os jovens fazem empréstimos da sociedade e da cultura apresentando-se como protagonistas de uma transformação nas formas diferenciadas de pensar, de sentir e de se expressar. Segundo Becker, a adolescência/juventude deveria ser analisada como “(...) a passagem de uma atitude de simples espectador para uma outra ativa, questionadora (...)” (1989, p.10).

Acreditando na figura do jovem/adolescente como um indivíduo capaz de enriquecer a sociedade, com novos valores e novas perspectivas, e de enfrentar as dificuldades que lhes são apresentadas, Calligaris (2000) vislumbra a juventude/adolescência como um processo positivo e não como uma fase problemática, de acordo com o pensamento hegemônico. Segundo o autor, o problema se origina no adulto que não é capaz de acolher o jovem/adolescente como um candidato para ingressar na vida adulta e acaba por excluí-lo, atribuindo, desse modo, características estereotipadas a este sujeito.

Relevante e assustadora é a afirmação de Calligaris (2000) ao concluir que o jovem/adolescente surge como uma figura que não se define por si própria, mas se idealiza na realização dos desejos dos adultos. Conforme afirma: “(...) o adolescente é levado inevitavelmente a descobrir a nostalgia adulta de transgressão, ou melhor, de

resistência às exigências antilibertárias do mundo. Ele ouve, atrás dos pedidos dos adultos um ‘Faça o que eu desejo e não o que eu peço’. E atua em consequência” (op.cit., p. 28).

Enfatizando as questões sociais, Leontiev (1978) discute um novo conceito de juventude. Para o autor, o jovem adquire uma identidade social por ser capaz de assumir representações, significados e interpretações diferenciadas pelos homens inseridos na sociedade contemporânea.

Dentro do processo do desenvolvimento cognitivo ou intelectual, encontra-se na Teoria de Piaget a principal referência, indicando a juventude como resultado de profundas mudanças qualitativas do pensamento, sem esquecer que as transformações afetivas e sociais se interagem devidamente. Segundo Piaget (1976), a incidência do meio social no jovem vai depender da sua maturidade para que seja capaz de assimilar as contribuições da sociedade. Piaget adverte, ainda, que o jovem ao realizar o processo de desenvolvimento cognitivo, ou seja, o pensamento considera não só o que é o fato em si, mas, também, o que deveria ser.

Buscando um diálogo com Bourdieu (1983), percebe-se a específica distinção, feita pelo autor, entre jovem e adulto. A sua principal proposta traz à reflexão que, o fato de ser um jovem ou ser um velho trata-se de uma seleção manipulável e variável embasada em dois principais fatores:

1º) “Somos sempre o jovem ou o velho de alguém”(op.cit., p. 113). Dependendo da seleção etária em que se encontra a outra pessoa da relação comparativa, a categorização de ser um jovem ou ser um velho pode ser atribuída a uma mesma pessoa. Desse modo, pode-se ser um jovem quando se compara a relação com outra pessoa de maior idade; pode-se ser um velho quando a comparação se dá com outra pessoa de idade muito inferior.

2º) “Juventude e velhice não são dados, mas construídos socialmente” (op.cit., p. 113). Neste caso, constata-se a complexa relação existente entre as idades social e biológica. O fator idade definido pela questão biológica pode ser facilmente manipulado pela questão social. Sendo assim, um adulto dentro de sua faixa etária biologicamente determinada, pode ser transferido para a categoria de jovem, segundo as avaliações e condições sociológicas incidentes.

Refletindo com Bourdieu (1983), evidencia-se a importância dada às questões do presente com o objetivo de se construir o futuro. Segundo o autor, “(...) os jovens se definem como tendo futuro, como definindo o futuro” (1983, p. 119). Normalmente,

atribui-se aos jovens a grande tarefa de ser responsável por ações conscientes do presente em virtude de um desenvolvimento satisfatório na qualidade de vida do futuro. No entanto, Ortega y Gasset (1990) adverte que: “é certo que a geração anterior não nos deixou de herança nenhuma virtude moderna. Cada geração chega ao mundo com uma missão específica, com o dever adstrito nominalmente à sua vida” (p. 15). Nesse sentido, vale a reflexão sobre a validade da transmissão dos principais valores morais e afetivos para os jovens. É recorrente a questão de velhos valores aplicados em sociedades modernas e culturalmente renovadas? Mesmo sendo este um objeto de estudo que não se enquadra neste momento da reflexão, parece ser de extrema importância a pausa reflexiva.

Muitas são as definições que começam a surgir com a pretensão de demarcar e fixar um espaço sócio-demográfico para a categoria juventude. De acordo como Abramoway (2006), ser jovem é ser autônomo e fazer com segurança a travessia da ponte que parte do ser criança e termina no ser adulto. A autora arrisca definir juventude como

“(...) o período da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos, e durante o qual produzem mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que se realizam em condições diferenciadas, segundo as sociedades, as culturas, as etnias-raça, as classes sociais e o gênero, bem como outras referências objetivas e subjetivamente relevantes para os que a vivenciam”. (Abramoway, 2006, slide 3)

Atualmente, a discussão toma um novo rumo no que diz respeito às características de identidade desta categoria. Trata-se, neste momento, da opção pela troca do termo juventude por juventudes. A expressão utilizada no plural quer enfatizar as diversidades de juventude que podem ser analisadas, segundo alguns fatores categóricos que se tornam primordiais nesta classificação, tais como: classe social, cor, sexo e grupo social. Não obstante, toda a pluralidade existente, um ponto se apresenta como convergente em todos os estudos: todos os sujeitos estão dentro de uma faixa etária que caracteriza um jovem.

Segundo Abramoway (2006), partindo desta premissa surgem, então, outras características, talvez não tão prioritárias, mas determinadoras dentro de um senso comum, atribuído aos jovens: estes são facilmente adaptáveis à convivência em “bandos”, “clãs”, “tribos” (conforme Maffesolli, 2000, p. 28), são contestadores e nem sempre possuem autonomia. De acordo com Novaes (2006), “(...) existem grupos e segmentos juvenis organizados que falam por parcelas da juventude (...)”(p. 105), no

entanto, nenhum deles se encontram autorizados a falar ou representar todos os jovens que compõem a mesma faixa etária.

Portanto, retornando à questão de como ou quando utilizar o termo juventude ou juventudes, pode-se refletir sobre o fracasso que se implanta quando se tenta miscigenar diferentes universos sociais. Desse modo, Bourdieu (1983) discute este problema, evidenciando a existência de uma manipulação social, denunciando que a proposta para estudar e investigar a categoria jovem esteja vinculada a priorização de uma definida “unidade social”, ou seja, “(...) um grupo constituído dotado de interesses comuns”(p. 113). Nesse sentido, torna-se incompatível o estudo de tais realidades tão complexas e plurais, chegando a ser desrespeitoso o fato de considerar os jovens todos iguais e suscetíveis a um mesmo padrão de critérios investigativos. Como pesquisadores, há que pensar e delimitar com rigorosidade as categorias de classe social, sexo, cor e grupo social que se propõe ao estudo, acreditando que, segundo Novaes (2006), “(...) qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais” (p. 105).

Sendo assim, pode-se considerar a juventude como resultante de uma vivência em determinado período histórico e social, que traz os dados da cultura onde ela é estabelecida e o tempo pelo qual ela é concebida. Imersos nos conceitos hegemônicos da sociedade contemporânea, depara-se com jovens assustadoramente inseguros e bravamente imediatistas.

A imagem do jovem que se cristalizou na sociedade atual traz uma forte característica de metamorfose, de aglutinação, de inconstância, de incerteza e de desvinculação, enquanto representação de uma categoria fragilizada e vulnerável.

Em contrapartida, os jovens representam, também, uma categoria consciente e desafiadora na busca de novos valores sociais, morais e afetivos, que sejam capazes de reestruturar sua identidade. Hall (2002) ressalta que a identidade se forma através de um processo histórico, e não biológico. Segundo o autor, “o sujeito assume identidades diferentes, em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (2002, p. 13).

Portanto, a preocupação em conceituar e/ou definir a categoria juventude se esgota no modo como cada um desses jovens se apropria da relação construída com o fator tempo. Segundo Melucci (1997), o jovem “(...) representa um ator crucial, interpretando e traduzindo para o resto da sociedade um dos seus dilemas conflitais básicos” (p. 7), o tempo.

A perspectiva do jovem hoje, vislumbra uma relação com um tempo “des-linearizado”² e com projetos “desfuturizado”³. Um tempo que não constrói alicerces e, portanto, representa uma experiência solitária, individual e única. Não admite repetições nem tampouco reinterpretações. Acredita e considera somente a experiência vivenciada naquele momento, naquele contexto sócio-cultural e na relação com aquelas pessoas. Knobel apud Outeiral (2005) afirma que o jovem “(...) converte o tempo presente e ativo como uma maneira de manejá-lo. (...) As urgências são enormes e, às vezes, as postergações são aparentemente irracionais”(p.22). Referindo-se ao futuro, Pais (2006) comenta que “(...) para muitos jovens o futuro se encontra desfuturizado – não porque esteja sob controle, mas porque se encontra (des)governado pelo princípio da incerteza”(p. 12).

A repercussão desses novos critérios sócio-culturais absorvidos pela juventude, remete a uma reflexão deduzindo que os jovens têm necessidades e precisam ser atendidas, não para suprir lacunas, mas para complementar espaços e tempos necessários.

Partindo da definição consensual de que juventude é construída histórica e culturalmente, pode-se arriscar dizer que ser jovem, na sociedade contemporânea, é vivenciar uma experiência inédita. Se a história não se repete e os processos culturais sofrem suas devidas e necessárias alterações, também a experiência de juventude não pode ser a mesma ao longo dos anos e por isso, merece atenção e cuidados especiais no que tange à reflexão e à criação de novos conceitos de identidade.

Direcionando a reflexão, neste momento, para uma análise das questões afetivas e emocionais, referentes aos jovens, buscou-se, principalmente em Piaget, Vigotsky e Wallon, resistentes pilares que pudessem sustentar a representação que a afetividade, envolvendo emoções e sentimentos, assume na confrontação com as características da identidade da juventude.

No que diz respeito ao posicionamento dos autores supracitados raras são as referências que contemplam a figura dos jovens, uma vez que estes direcionam seus estudos, principalmente, para a análise do comportamento e das atitudes das crianças. Não obstante este intrincado processo, buscaram-se pontos convergentes que proporcionaram uma satisfatória via de clarificação na relação do jovem com a afetividade.

² Melucci (1997)

³ Pais (2006)

Valiosa contribuição foi revelada por Rousseau (2004) quando diz que “(...) um jovem educado numa feliz simplicidade é levado pelos primeiros movimentos da natureza na direção das paixões ternas e afetuosas; (...)” (p. 300). Com esta afirmação, depara-se com o entendimento de que as atitudes provenientes dos jovens, são uma consequência da formação dedicada aos mesmos. Se, à juventude são proporcionados momentos de convivência e formação embasados nos valores que sustentam a paz, a harmonia e o amor, certamente eles serão fiéis ao repetirem as experiências vividas neste contexto. Da mesma forma, em situação contrária, “(...) os jovens corrompidos desde cedo (...)”, tornam-se “(...) inumanos e cruéis; (...)” (Rousseau, 2004, p. 300).

Rousseau (2004) considera ainda que a juventude “(...) não é a idade nem da vingança nem do ódio: é a da comiseração, da clemência e da generosidade” (p. 301). Neste sentido, as propostas iniciais desta investigação se confirmam na busca de fatores que justifiquem a experiência dos sentimentos ditos “negativos”, experimentados pelos jovens, durante o aprendizado de matemática.

No diálogo com Vigotsky, a principal evidência recai sobre a preocupação decorrente da tentativa de separar o intelecto e a emoção. Para ele, não era possível conduzir os estudos das questões psicológicas do ser humano, tendo como ponto de partida a consideração que a análise ocorreria em momentos distintos. Vigotsky propõe a unificação das abordagens afetivas e cognitivas nas principais discussões de tendências pós-modernas, vislumbrando a figura do jovem que, muitas vezes, não se encontra em condições de fazer tal distinção.

Para Wallon, as questões emocionais tomam um lugar privilegiado e uma das principais abordagens se localiza no caráter contagioso das emoções. Nesse sentido, pode-se constatar este domínio de contágio envolvendo as atitudes e os comportamentos dos jovens, nas relações de amizade.

Já Piaget compartilha da mesma angústia de Vigotsky quando não admite que razão e afetividade possam se posicionar em lados opostos. Desse modo, afirma que “a vida afetiva e a vida cognitiva, mesmo distintas, são inseparáveis” (Piaget, 2003, p. 16). Embora coloque em evidência a figura do sujeito epistêmico, Piaget enquadra a juventude dentro do período, determinado por ele, das operações formais. Como já mencionado anteriormente, Piaget acredita na capacidade renovada dos jovens, que os faz capazes de assumir a interação dos fatores sociais com os emocionais.

Diante destas reflexões apresentadas, promovidas pela inserção no complexo contexto que acolhe a juventude, vale ressaltar as características globais que permeiam e

compõem os estudos realizados em torno desta temática. Imersos na atual sociedade contemporânea, cuja educação deveria acompanhar suas principais peculiaridades, vislumbra-se a figura do jovem que não pode ser isolado do seu contexto e das realidades que estruturam sua condição juvenil para ser dissecado conforme as necessidades dos estudiosos. Há que se pensar no jovem sedento não só de inovações, sedento de liberdade, mas também sedento de afetos. Torna-se pertinente a advertência de Vigotsky ao dizer que “(...) o homem do futuro será um homem carente de emoções, (...)” (1998, p. 81).

Referências Bibliográficas

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ABRAMO, Helena Wendel. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 5 e n. 6, p. 25 – 36, maio/dez. 1997.

_____. **Cenas Juvenis**. São Paulo: Scritta, 1994.

ABRAMOWAY, Mirian. **Juventude e Juventudes na realidade do Brasil**. Goiânia: 2006. Disponível em:
<<http://www.anchietanum.com.br/semana1/julho/segunda/apresentmiriam.ppt>>
Acesso em: 27 jan. 2007.

ARIÈS, Phillipe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.196 p.

BECKER, Daniel. **O que é a adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOURDIEU, Pierre(1930–2002).A “juventude” é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112 – 121.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CLÍMACO, A. A. S. **Repensando as concepções de adolescência**. 1991. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

ELKIN, Frederik e WESTLEY, Willian. **The Myth of Adolescent Culture**. American Sociological Review, v 20, dez. 1955, p. 680–684.

ERIKSON, Erick H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas y tribus**. Barcelona: Ariel, 1999.

FONTENELE, Isleide A. **Os caçadores de cool**. Lua Nova, 2004. n. 63. p. 163 - 177. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-52004000300007&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em: 04 maio 2005.

FRAGA, Paulo César Pontes e IULIANELLI, Jorge Atilio Silva (orgs.). Juventude: construindo processos – o protagonismo juvenil. In: FRAGA, P. C. P. & IULIANELLI, J. A. S. **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 55 – 75.

GOTTLIEB, David e REEVES, J.A. Questão das subculturas juvenis. In: JAIDE, Walter. **Sociologia da Juventude II. Para uma sociologia diferencial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 53 – 72.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. 301p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 102p.

HOBBSAWM, Eric J. **A era dos extremos: o breve século XX (1914 – 1991)**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IANNI, Octavio. **O jovem radical**. Sociologia da Juventude, v 1, Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

LECCARDI, Carmem. **Horizonte del tempo; esperienza del tempo e mutamento sociale**. Milano: Franco Angeli, 1991.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens 2. Da antiguidade à Era Moderna**. v 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 424p.

_____. **História dos Jovens 2. A época contemporânea**. v 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 382 p.

LEONTIEV, A. (1903–1979). **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizontes, 1978.

MAFESSOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. 232p.

MEAD, Margaret (1901–1978). **Adolescência y cultura em Samoa**. Buenos Aires: Paidós, 1951.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: Revista Brasileira de Educação – ANPED – **Juventude e contemporaneidade**. N. 5 e n. 6, p. 05 – 14, maio/dez. 1997. Número Especial.

MERLEAU-PONTY, Maurice (1908–1961). **Psicologia e pedagogia na criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 569p.

MÜXEL, Anne. Jovens dos anos noventa. À procura de uma política sem “rótulos”. In: Revista Brasileira de Educação – ANPED – **Juventude e contemporaneidade**. N. 5 e n. 6, p. 05 – 14, maio/dez. 1997. Número Especial.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm (1844-1900). **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Companhia das letras, 2005. 247p.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p.105 – 120.

ORTEGA Y GASSET, José (1883–1955). “Juventude”. In: **A Rebelião das Massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. p. 239 – 248.

_____. **Los problemas nacionales y la juventud. Discursos Políticos**. Madrid. Alianza Editorial, 1990.

OUTEIRAL, José. **Adolescência: modernidade e pós-modernidade**. Revista Psicopedagogia, Porto Alegre/RS, n. 22, p. 119 – 147, jun. 2005.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

_____. Apresentação. In: **Jovens Europeus. Estudos de Juventude**. n.8. Lisboa: ICS / IPJ, 1994. p.6 e ss.

_____. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p.07 – 21.

PIAGET, Jean (1896 – 1980). **La psicologia de la inteligencia**. 2 ed. Barcelona: Editorial Critica, S.L., 2003. 197p.

_____. **Psicologia e Pedagogia**. 9 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. 184p.

PIAGET, Jean e INHELDER, Bärbel . **Da lógica da criança à lógica do adolescente**. São Paulo: Ed. Pioneira, 1976. 260p.

ROUSSEAU, Jean-Jacques (1712-1778). **Emílio, ou, Da Educação**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 711p.

SANDOVAL, Mario. **Jóvenes del siglo XXI. Sujetos y actores en una sociedad en cambio**. Santiago: UCSH, 2002.

SPÓSITO, Marília Pontes. **Estudos sobre juventude em Educação**. Revista Brasileira de Educação, n. 5 e n. 6, p. 37 – 52, maio/dez. 1997.

SPRINTHALL, Norman A. e COLLINS, W. Andrews. **Psicologia do Adolescente. Uma abordagem desenvolvimentista**. 3 ed, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 747p.

VIGOTSKY, Lev Semenovich (1896-1934). **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 191p.